

TOMAZ
DE FIGUEIREDO

NOVELAS e CONTOS II

TIROS DE ESPINGARDA • A OUTRA CIDADE



IMPrensa NACIONAL - CASA DA MOEDA

Pulou do quente ainda com estrelas e quase nem molhou a ponta do nariz, engoliu uma água de unto e tragou um dedal de aguardente, descompôs a mulher, à pressa, por lhe questionar e chorar a côdea do cão, e, mal que apresilhado o cinto e embandoleirada a escopeta, ala, que se faz tarde, baforando fumaças e respiração pelo nevoeiro, como se fosse a arder.

Cara de múmia, enxuta, de pelicas enfoladas para o vazio de dentes, ainda por cima pelo tabaco de cinquenta anos, logo apagado se o não puxasse, Manuel Félix todo ele era seco: mãos de santo de aldeia, só tendões e osso, tostadas, quadris por onde o cós das calças fugia, esbarrigando a camisa de tomentos, canelas a que umas polainas ressecas e sem boleio davam o ar das pernas de pau levadas a Santo Amaro, de promessa, por coxos sarados. Como se afiada em rebolo, dir-se-ia quebra-vento a propósito a cana do nariz, e não seriam as costeletas, de ralas, tojo molarinho, que o tolheriam de papar léguas em cima de léguas, tanto como nem os setenta anos, cumpridos em Janeiro, mês dos gatos, que têm sete folgos.

— *Carricinho*, vamos a elas! *Carricinho*, estão-se a perder!

O cão seguia à frente, descansado, sem ao menos farejar, bem prático de que, antes de meia costa, nada de pensar em perdizes, para mais que o dono cortava a toda a folha, abalando o carreiro com os tarocos.

À voz do Manuel Félix, o *Carricho*, dizendo ter-lhe entendido as falas, acenicou parcamente o rabo e foi seguindo, murcho como de costume, bem por certo que meditando.

Beque ao alto e apontado ao espinhaço dos montes, polegar na bandoleira, a coisa de meio palmo abaixo do zarelho,

a manter a espingarda bem no prumo, com rópia e estilo, Manuel Félix, esse, é que parecia tomar ventos.

— Rico dia, *Cariço!* Um rico dia que vamos ter, de uma cana, bem a mim me palpitou! Agora, a ver como te portas, assoa-me bem esses moncos! Precisamos de uma dúzia, *Carriquinho*, pelo menos, para apresentar na Toca, ao fidalgo da Toca, ao morgadinho, que é o rei dos compadres e chega hoje à tarde. Uma dúzia, e se for dúzia e meia também não faz mal!

Novamente o perdigueiro dava ao rabo, mais lento ou mais lesto, consoante o dizer do amo, e ambos se iam assim entendendo, como se ambos racionais.

Companheiro de estirões, solheiras e chuvadas, a valer por um dos muitos compadres, ia-lhe o Manuel Félix confidenciando queixas e dós diversos, consumições, alegrias, pedindo-lhe até conselho, descompondo-o ou louvando-o, conforme a resposta que supunha ouvir.

— Pois é verdade, *Cariço!* Aquele grande seirão da tia Brízida só me queria dar a quartinho por dúzia de barbados! Ora a onzeneira, *Cariço!* Bacelos daquela casta!

Embrulhava segundo cigarro, e, acendendo-o à mecha de contrabando:

— Tabaquinho cá do meu, cá do nosso, e deixemo-nos de finúrias. O da venda, o excomungado, é que só me aquelou dois macinhos, e por grande favor. Ai! também tu me dizes que fume menos, que o tabaco me queima os bofes? Sabes que mais, *Cariço?* Não queiras meter o focinho onde não és chamado! Pois o vendeiro, o fome negra, dois macinhos, e viva o velho! Ora deixa que, no primeiro ano de estiagem, ele há-de aparecer à nossa porta, há-de, por mor de lhe armarmos palha para a burra, que eu lhas cantarei! — «Olhe, venere-se como puder, que também o nosso gadinho anda à minga... Dê sopas de vinho à burra! Dê-lhe sopas de pão-de-ló! Uns copinhos de geleia!»

A tirada sem chupar extinguiu-lhe «a murraquinha».

— E falso, ainda por riba! Agora até o tabaco é contrafeito, Santo Nome! Grandessíssimos ladrões! Havia de eu amarrear os da Companhia num sítio que eu cá sei e com um bastoneiro nas unhas! Ah! rapazes!

Petiscava lume e baforava.

— Ai, velhinho, que o teu dono traz uma nódoa muito negra no peito, ai isso é que ele traz...

Reacendia a beata e seguia, rimando.

— E tu não te ralas, *Cariço*, a ti tanto se te faz... Pois deixa que nem sempre me hás-de ter, que o teu dono qualquer dia espicha, leva-o a maleita, arrefece-lhe o céu da boca, vai fazer tijolo, e então sempre hás-de retorcer as orelhas, de teres sido tão ingrato... Eu topo que homens como cá o velho nunca deviam morrer! Para que dianho serve a morte, não me dizes? Sim, sim, tu és capaz de me rebater que a morte serve ao menos para dar estrume, e com isso me tapas tu a boca. Sim, de feito, se não fosse morrerem os animais e as plantinhas, até a própria gente, que o tio Navarro coveiro colhe lá a um canto do cemitério umas couves de luxo, e que lhe prestem... Sim, de feito, com que se haviam de adubar as terras? Esses adubos que para aí se vendem? Pff... Uma peste... Pois não te digo menos disso, mas sempre te respondo que, ao menos, alguns nunca deviam morrer, e aqui te amolo eu. Até mesmo alguns cães, como tu, que és a flor dos cães! Tu nunca me morres, *Cariço*, pois não? Olha se me deixas ficar sem amigo!

E, depois de uma pausa, a considerar:

— Amolo, ou não amolo, pois se me vieres que isto em mim de eu não dever morrer não passa de basófia, então o amolado é cá o tio Manuel Félix...

Objecções e troco passavam a ser só pensados, apenas as conclusões, entre silêncios.

— Tu atiravas-me assim, e com esta me amolavas tu! Mas aí tens o que te eu tornava, e com isto te amolava eu!

A serra, pai e mãe das perdizes, como se ela fora que andava para o Manuel Félix, ia-se aproximando. Avultavam penhascals e regueirões, definia-se o amarelo das tojeiras e o roxo das soagens. Um milhano, altíssimo, vigiava.

— Ora baixa só um pouquinho, põe-te a jeito, que eu te conto um conto! Eu ensino-te a dar cabo da caça!

O patife do milhano deixou-se ficar pelas suas alturas, pairando à vela, não aceitou o desafio do Manuel Félix, apesar de também este lhe dirigir vocativos implicantes com a família e especialmente com a mãe.

Dia sereno, sereno, talvez que só pela tardinha se levantasse algum bafo, e Manuel Félix, que embirrava com buzieiros de vento a aflautar nos canos e a varrerem os narizes do cão — a desterrarem a caça para onde nunca ninguém soube! —, planeava as cortadas a dar, antes de, lá ao bater desse meio-dia, pela hora velha, cair na venda do Teixugo, que tinha um

verdasco da ponta fina e uns rijões de estalo, salpimentados com uma vinha-de-alhos que parecia receita do céu. Daí que monologava, já salivando:

— Vai lá ser o fim de mundo, *Cariço*, no compadre Zé Teixeira! E a ti também alguma coisinha te há-de tocar, que tu não andas a vento, *Carricinho*, podes ficar descansado. Vamos indo, *Carricinho*, vamos indo, que ainda não saíste lá muito mau rapaz, afora lá essa tua tineta pelas cadelas, mas, estou como o outro que diz, os animais são como a gente. Mereces, *Cariço*, tu às vezes mereces. Só, estou mesmo a ver, que tenho é de te fechar de noite, que andas magro como um cão! Ele já não te bondam os dias, safado, para andar às cadelas? Dizes que fazes como eu, que tiveste bô mestre!? Ele tu atreves-te, que te viso já uma ripada pelas reins fora?! Que te boto um pé em riba da barriga, que te estoupo!

Chamava-o, aflagava-o.

— Aqui, seu *Carricinho*! Deixe lá, não se importe, que tudo isto é mangação! Olhe que eu também já fui novo, por isso considero, sei considerar...

Assim paleando e fumegando, ao cabo de meia hora Manuel Félix afrontava a lomba que levava aonde já haveria perdizes a sério, de revoada franca e seguida; perdizes não de bouça, das que se põem nas asas e parece que as engole depois o inferno.

— *Cariço*, tento nesse focinho, agora, acabou-se a parola! Fora mais, cão!

Ouvida a voz ritual, entrou o perdigueiro a bater, de ventas altas, a encosta desterroada. Apertando mais nos dentes o cigarro de folhato, o dono desombrou a espingarda e experimentou-lhe os perros, a saborear-lhes o estalo seguido.

— Fora mais, cão!

Do alto, nisto, dois estoiros chofreados fizeram-lhe erguer a cara a que as suíças clássicas, a carqueja, de perecerem sujá-la, davam a aparência de ainda mais chupada. Àqueles tiros, soltou um palavrão, respondendo.

Recortados no roxo-cor-de-rosa do céu, com um podengo branco e outro mulato, dos que se marram, a varrer o terreno, levavam-lhe os de Fonte Coberta — eram os de Fonte Coberta! — bom adiantamento de quase uma hora. E erguera-se ele com o dia para se adiantar a sôfregos que tais! Verdade, que esses tinham que descer, e ele de subir. E, depois, o paleio com o cão, o gosto de apreciar os nortes...

— Cambada! Esganados!

O chumbo de novo tiro, tinindo trocista, passou-lhe ao de cima da cabeça. «Boca, dá cá!» ouvia que bradavam. E o cachorro mulato abocava fosse o que fosse.

— Peste! Grande súcia!

Aqui, o *Cariço*, que farejara muito aceso um picoto prometedor, veio até ele, como a pedir conselho, desanimado.

Pois — santa paciência! — ali estivera caça! Enganar-se, o *Cariço*!? Estivera, isso estivera, para mais que...

Dobrou-se, a esborrachar nos dedos frago de perdiz, fresco da própria noite. Sob um recôncavo de penedo, ao abrigo do orvalho, a rebanhada ficara ali: catorze espojadouros — catorze! — com penas e tudo.

Manuel Félix sacudiu a mão, alimpou-a desconsoladamente aos fundilhos encadeados. Aqueles tratantórios de Fonte Coberta não lhe haviam catado respeito!

Abaixando, prudente, os cães da escopeta, que apenas erguia quando o perdigueiro lhe desse sinal, ficou-se estudando probabilidades, mirou as vertentes que o ribeiro, lá no fundo, quase enxuto e mostrando o lento polido, de pedras brancas e descarnadas, que nem ossos, apartava como a dois reinos.

Da outra banda, talvez... E meteu a pique para baixo, de espingarda encruzada no pescoço.

Mau de andar, da outra banda... E as perdizes, barqueiras... Arredava-se, ao menos, para sítios por bater e onde, de revoada, haveria já perdizes levantadas.

— Fora mais, *Cariço*!

No piso resvaladio e de pedras soltas sob a urze, a rebolarem, as tachas e ferraduras dos socos resvalavam. Esquecido até de fumar, só praguejando, Manuel Félix tropicava e equilibrava-se, como se bambeara no circo. Praguento e de cenho turvo, desfiava a suposta genealogia desses de Fonte Coberta, pela mãe e ascendentes mães até aos Afonsinhos, pitoresco e vernáculo.

— Quem aquellesse um polvorinho dos galhos do tataravô! Rica peça!

Da terra aquecida esfarrapavam-se vapores. O *Cariço* erguia os narizes, farejando os ventos, e já a ponta do rabo se lhe tingia de vermelho, picada e farpada nos tojeiros ainda não amaciados pela chuva. Estrondeavam ao longe outros tiros. Só Manuel Félix, por mais que batalhasse, nada enxergava que

merecesse uma carga, como se daqueles pontos houvessem espantado a cacete e passo a passo o nevoeiro de caça que ali vira, pouco passante de uma semana.

Um surdo tropear de besta desbocada assustou o silêncio. Um bruto calhau de muitas arrobas, desses que, para bater ladeiras, usam os maus caçadores empurrar e rodar, passou-lhe quase rente, e, galopando, esmigalhou-se em baixo. Por pouco não alcançou Manuel Félix tempo de se guardar, co-sendo-se com um penedo.

Aquilo seria de propósito?

Não, nem tanto, mas o certo era que por um nisco o não haviam espanado.

— Galhudos!

Era velha de muitos anos essa raiva dos de Fonte Cober-ta. Desde a tarde em que o Avelino, a par do Manuel Félix, então muito seu colaço, errara incrivelmente uma perdiz «de rabo» e que este, emendando, lhe dera um bigode, tão enorme desfeita a caçador tão matriculado acendera-o de fúrias. E cada qual para seu lado, após cruas palavras, tratando-se de lambões.

Os filhos do Avelino, depois engamiado, sucediam-lhe no ódio. Potros folgados, senhores de mais perna, disputavam terreno a Manuel Félix, e, porque lhes constaria do empenho de caça para o morgado e três vezes compadre, haviam-se-lhe adiantado, só por que se encanzinasse em vão.

De pedra em pedra, escorregando e saltando, encomen-dando a todos os diabos e à Mariana do Roque feiticeira a geração do Avelino, chegou Manuel Félix ao ribeiro sugado por seixos e areia. Logo o *Carriço* a alapar-se lá numa pocinha, a refrescar-se, amedrontando alfaiates e rãs.

— Anda, marabelho!

Ralhou, mas compreendia, que a ressa já queimava, e também se arrimou a um carvalho.

Sem preço, aquele cão! Em mais de cinquenta anos — upa! — nunca avezara bicho que se lhe emparelhasse. Peito largo e bons pezinhos, ventas que até sonhavam a caça, em ele alçando a cabeça as perdizes eram certas. *Carriço* do seu coração, tão amante do dono, a quem só faltava falar, mas que falava com os olhos. Em cachorro tivera a esgana, salva-ra-o com purgas de sal refinado metido em unto, e não mais o animal o deixara. Dormia-lhe aos pés da barra, se não andasse por fora, cadeleiro, e às horas do caldo namorava-lhe

côdeas e afagos, martelando com o rabo no chão. Um décimo filho: como se fora um décimo filho.

— Ora bem, seu dianho! Acabou-se a refrescadela?

Acabara a refrescadela e o *Carricho* pulou, sacudindo-se, de patas enlodadas.

— Sempre tu me enjorcaste umas botas!

Era calva de tojo a costa que iam afrontar, enfragada porém de lapas, má para firmar o tiro, estuporada. O *Carricho* entrou de galopar, como em plaino, folgado.

— Raios te partam, diabo, que tu andas a quatro e eu a duas!

Galopou e trotou, o *Carricho*, enviesou à direita e à esquerda, abrandou, ficou-se de cauda tesa.

Pela segunda vez estalaram os cães da espingarda, e botou-se Manuel Félix quase tão lesto como se também andara a quatro. O *Carricho* erguia uma pata com a lentidão dos movimentos ao retardador. Agora adiantava-a e assentava-a, erguia outra.

As perdizes iam a pé, e o *Carricho* a vê-las. De olhos fitos nele, Manuel Félix açodou-se e chegou bufando.

— Fora mais, cão!

Postou-se-lhe à retaguarda, estratégico, pé direito à frente, por ser canhoto.

— Vamos, que se faz tarde!

Quedo, e por malhado de preto, o *Carricho* parecia de mármore, e o amo, insofrido, empurrou-o e afoitou-o. Ele retesava-se, trémulo, só olhos de medusa, contrabalançando o impulso. Do meio de fentos, nisto, uma bandada repicou as campainhas e trovoou. Dois tiros berraram dos canos.

— Busca a morta!

À fala do estilo, o *Carricho* atirou-se de rompão, seguindo uma das aves, apenas ferida de asa. Manuel Félix apanhava a outra, assombrada a poucos passos.

— Ricos tiros, com um raio!

Estudando a possível revoada das sobreviventes, nove, também à espera do cão, Manuel Félix assentou-se numa fraga e foi embrulhando um cigarro.

— Depois de se matar, fuma-se! Já lá o diziam os velhos!

Manuel Félix guardava a praxe, os usos e costumes.

A perdiz ferida afundara, derrubada uma das asas, a outra em batimentos e remoinhando. Perdera-a de vista entre uns ramalhos, e o *Carricho* encobria-se e reaparecia, lampejava,

sumia-se de novo, tornava a lampear e furava que nem doninha.

— Filha da mãe de perdiz! Mas está bem entregue! Este filho da mãe de tabaco, também... Ó, senhores... Aqueles filhos da mãe da Companhia...

Chegou a mecha à beata rebelde, rancoroso, como se pegara fogo aos armazéns da Companhia dos Tabacos.

Mas o *Carricho*, o *Carricho*? Havia um ror de tempo sumido, nada o *Carricho* de tornar.

— O grande filho da mãe! O grande filho da mãe!

Arreliado, perto de escamado, resolveu descer. Mas ainda um assobio, mais dois ou três assobios, e à cabreiro, dos que furam os ouvidos a meia légua. E meteu os dedos à boca, apitou.

— Filho da mãe do *Carricho*!

Uma daquelas! Uma assim! Onde parava o cão? E teimou com os apitos, saltando pelos fraguados.

Bem por certo que a perdiz se enlapara, às vezes acontecia, e o cadelo a dilatar-se, escavando, esgravatando. Meia hora perdida!

Salta que salta e falando mal, muitas vernaculidades aliviadoras, chegou Manuel Félix ao corgo. Ali! ali via o *Carricho*, o grandessíssimo filho da mãe! Encarava com o grandessíssimo filho duma cadela, que bebia como se estivesse furado. Parava, tornava a tapar com a língua a água quieta e verde. Num poulo, abocanhada, lá avistava a perdiz. Sopesou-a e atou-a: era um perdigão.

— Comeste salgado, *Carricho*? Pois para outra vez come enxebre!

A isto, o *Carricho* virou a cabeça, e, a passos atrapalhados, abeirou-se-lhe.

— Ala, que se faz tarde, e ainda só nos cantam duas!

De pêlo em pé, o *Carricho* tremia.

— Ora não querem lá ver! Que dianho tens tu?

Ficou-se então a estudar o bicho, ao mesmo passo que tacteava as perdizes e arrojava melhor o nó dos atilhos.

A esgana, se calhar... A esgana, e provável a esgana real, malina de que só um em cem escapava. De nove anos, raridade... E pegou-o pelo cachaço, virou-se a correr-lhe a espinha com dedos de prático velho. De arca afrontada e arfante como foles de ferreiro, o *Carricho* babava-se. Manuel Félix, de súbito, atirou-se uma sapatada à testa.

Esgana... Qual esgana! Veneno... isso é que sim... A sênica, por aí... Quem seria o alma negra?

Uma casa, uma casa! Se por ali nascera uma casa onde lhe armassem azeite, cousa de um quarteirão! E olhava em roda, como se não estivesse mais que farto de saber quanto havia em roda: pedregais e silêncio. Uma casa, uma casa! Só pedregais e silêncio, o assobio dum milhafre.

A navalha de mola estalou. Havia a pólvora, sim. A ver se a pólvora dava. Um cartucho, dois cartuchos, cortou ainda terceiro, esvaziou a pólvora na concha da mão e ajuntou-lhe terra, desaproveitando o chumbo que gotejava em folhas secas. Os dentes do *Carricho* castanholavam. Abriu-lhos à força, envisgando-se, atirou-lhe a mistura às goelas, a ver se vomitava. As contracções do esófago, todavia, nem que, racional, o quisera, tiravam o cão de engolir: o cão tossia e expelia a mistela emborralhada.

— Malandros!

Os olhos do *Carricho*, tristíssimos, acompanhavam o dono.

Malandros, e estes e aqueles... Manuel Félix alçava o punho peludo, soltava claros palavrões, sonoros que nem marretadas.

Mal já se tinha, o *Carricho* nas pernas. Tenteados uns passos, o *Carricho* revirou-se e malhou ali desamparado. As costelas deram-lhe num seixo que rompia do chão, e, caixa sonora, o tórax tocou-lhe a choco, rouco.

Tão áspera, de ordinário, a voz do Manuel Félix amolentava-se de ternura.

— *Carricho! Carricho!*

O *Carricho* dava às patas, em vaivém, abria riscos escuros na terra queimada. À voz do amo esforçou-se, molhou-o com um olhar já remeloso e raiado de vermelho. Manuel Félix retorcia as mãos. Que faria, Deus do Céu?...

— Alminhas do Purgatório! Nossa Senhora da Pegada!

Ardia o sol quase a prumo, assador e cruel. Nem sombra de gente. Só, para os sítios de São Mede, onde esses de Fonte Coberta agora caçariam, mais tiros arrebetavam.

— *Carricho!...*

Ajoelhou rente ao perdigueiro, como se ele fora um cristão a dar as últimas, amimava-lhe a caixa dos ventos com a mão dura, suave da paixão.

Ao cabo de nada o companheiro estirou muito as pernas e escabujou. Depois ficou-se quedo, somente a pele a ondular como um rio encrespado.

— Que malandros! Que malandros!
Beijou o cão e assentou-se a chorar.

— Malandros! Que malandros!

Por quanto mais tempo ali esteve, tão sem alma como se também morrera, nem deu tento nem o pudera contar.

Abafado pela distância, e o sol já consentia muita sombra, novo tiro estalou ainda nos cotos de São Mede. Com os ossos da mão, esmagou Manuel Félix os olhos turvos. E nem olhou o *Cariço*, de quartos esticados pela derradeira distensão, aferroado e saboreado já das primeiras moscas, as moscas azuis da morte. Abriu a culatra, e, trocando os de chumbo por cartuchos de zagalote, dos quatro que sempre trazia para algum possível lobo, azangou o regato e meteu a festo em direita a São Mede, sob dois corvos que grasniam e o refuste do sol.

Arcos de Valdevez, Junho de 1936.

POR SERDES VÓS, SENHOR,
QUEM SOIS

O Júlio e os da quadrilha dariam pelas três da madrugada sem Lua, e por isso escolhida, aos cancelos do Comendador. A tacha dos socos aferrava mal a costeira geadada, e — também porque sobejava tempo e porque, se algum tropicava e se chapava, podia o estrondo ser o marabelho — o Júlio abaixou e deu sinal que abaixassem o perro das lazarinhas.

— Quantas lours te figuras que o sujeito agasalhará no enxergão? — perguntou, daí, ao Corage.

— Eu... — e o Corage esmerilhou — eu... Ora deixa ver, mas tu considera... Da parte do pai, o herdanço foi gordo. Bem constado... Sabe-se... Da parte da tia, a beata dos Azinhais, que nasceu como os fentos, de mãos atadas na cabeça — que é como o outro que diz: não dava uma sede de água a um tísico —, a maquia das de cavalinho também deve ter sido obra. Da parte da senhora que nós sabemos, e ele ainda upa... Dessa que teve em Lisboa uma casa de mulheres... Home, adiante... Quem lá está, lá está... Olha que ele deve de abafar cousa de um porrão delas e atestado.

— Afora as peças e os dobrões, que ele não os comeu e menos botou fora, ao rio! — acresceu e especificou o Pilão.

Os mais, o Barzabum e o Minhoca, assentiram que sim senhor, para mais, que nunca para menos. Que uma noite em cheio.

O Corage levava por um nagalho ao pescoço a cadela amorosa que haviam de soltar ao *Turco*, a *Violeta*.

Por volta de meia hora seguiram só a falar com os pensamentos, cigarreando e reservando na concha das mãos a brasa que podia falseá-los. Os longes da Lua recolhida ene-

greciam de todo e não se estremaria corpo de gente umas três varas distante.

Muito ao largo, mas ainda melhor, porque arruídos longe valiam calma ao pé, alguma guerreia de cães, sim, badaladas de hora tardia nos Leigos e na Bouça, uns passageiros guizos de charabã no cotovelo da estrada, e, a meter susto a quem o pudesse ter, o berrego dalgum corujão nos pinhais da Cheira e do Quelo. Mas nem sequer um tiro, desses que de costume abalam o escuro e vão falando pelos ecos, de guardador de canastro a confessar medo com a basófia, a publicar que, ali, um trabuco pronto a foguear quem mal atente.

Os cinco seguiam prevenidos e, do mesmo feitio que aos cigarros, a guardarem do relento no sovaco o respiro das escorvas, espoletado de fresco, das armas do ofício.

Chegados ao antigo passal, o *Turco* saltou-lhes com ladros e arremeços, mas pronto farejou a cadela cachoeira, dando a acenar o rabo e a falar-lhe lá na fala dos cães.

Teria o dianho do Comendador, que, bem se sabia, tomava cozimento de papoulas para dormir, dado fé da ladrada e dos arremessos? Ele ou a amiga, o coiro da Sr.^a Poloninha, raios a partissem?! Esperar se candeio luzia.

Aqui, pelo costume, gados ergueram o perro das fuzileiras, arrumando-se ao canastro e quinas do ripado.

Um comprido horizonte de silêncio levou a que lhes fosse arruído a própria respiração, o ringir de palhas e de caruma sob os pés, o próximo conversar dum guieiro que lhes parecia o duma levada, e no Inverno.

Até ver se folgo vivo dava senha, esperar.

— A cousa parece que corre... — alegrou-se o Barzabum.

— Burro! Excomungado! — assobiou-lhe o Júlio à orelha, ao passo que lhe aganchava um pulso.

Nem griseta ou candeio amarelou os vidros. Ao de dentro, nem rato. O ricósio, pegado no sono, devia ressonar a todos os bofes e ventas. Apagava-se no horizonte de pinhais o derradeiro responder da canzoada aos dois ladros do *Turco*.

— Vamos! — comandou o Júlio.

Sob o espigueiro — sabiam-na e puxaram-na — a escada de quinze vanços do varejo da castanha, e aprumaram-na à casa. O Pilão e o Corage subiram, dando logo a erguer a telha no extremo contrário ao quarto do Comendador. Arteiros, vigiando, prontos a foguear, o Júlio, com o Minhoca e o Barzabum, cosidos cada qual a sua oliveira. Percebiam o caute-

Nesta fieira de bichos notáveis, começava o Regedor a contar da rolinha que, de repente, caíra do poleiro morta redonda, à mesma hora em que a dona, uma rapariguinha de treze anos que a criara, a apanhara do chão, já cheia de formigas, que a aquecera no seio e lhe dera de beber por uma cabacinha, caía numa presa do corgo e se afogava. Calou-se quando a *Varosa* saltou a latir. O dono abriu a porta e olhou o céu de pérola baça donde os farfalhos de neve seguiam a cair. Na serra, um lobo uivou — bem o uivo dum lobo —, respondeu-lhe outro mais perto, quase que pareceu a poucos passos. Então Jerónimo e os hóspedes pegaram nas espingardas e foram levar às casas o Abade e o Regedor, e no meio a *Varosa*, de pêlo em pé e a arremeter.

Lisboa, 1970.

ÍNDICE

Tiros de Espingarda

Drama	15
Por serdes vós, senhor, quem sois	27
Serenata a uma porta	35
Os gritos do silêncio	49
Então morri ou o gavião	61
A inspiração	73
Uma história de gatos	93
O conto de Natal	149
O Querubim	159

A Outra Cidade

História de uma noite	177
A Pisca	189
Cova Funda	199
Tempo de valsa	209
Segundo tempo de valsa	219
Um senhor triste	229
O homem e o perdigueiro	235
O rebate	243
Gente de paz	251
A lebre	259
O Bossuet	269
Dez quilos de trutas	277
Folha corrida	289
A viúva das Camélias	299
O lado de lá	307
O cavaleiro	319
Contos de bichos	327